

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA CAROLINA MATUCHEWSKI FERREIRA

**O SURF E A TV ABERTA – UMA ANÁLISE MIDIÁTICA DOS ANOS DE
2014 E 2015**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

ANA CAROLINA MATUCHEWSKI FERREIRA

**O SURF E A TV ABERTA – UMA ANÁLISE MIDIÁTICA DOS ANOS DE
2014 E 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à disciplina de TCC2 do Curso de Bacharelado em Educação Física do Departamento Acadêmico de Educação Física - DAEFI da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a aprovação na mesma.

Orientador: Prof.^a Ana Paula C. B. Maoski.

CURITIBA

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná
Campus Curitiba

Gerência de Ensino e Pesquisa
Departamento de Educação Física
Curso Bacharelado em Educação
Física



TERMO DE APROVAÇÃO

O SURF E A TV ABERTA – UMA ANÁLISE MIDIÁTICA DOS ANOS DE 2014 E 2015

Por

Ana Carolina Matuchewski Ferreira

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 05 de junho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dra. Ana Paula Cabral Bonin Maoski
Orientadora

Prof. Dr. Gilmar Francisco Afonso
Membro titular

Prof. Fabio Mucio Stinghen
Membro titular

RESUMO

FERREIRA, Ana Carolina Matuchewski. **O surf e a tv aberta – uma análise midiática dos anos de 2014 e 2015**. 2018. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Bacharelado em Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

Atualmente o surf tem tido cada vez mais destaque no cenário nacional, essa crescente deve-se aos feitos da nova geração do surf no país, intitulada *Brazilian Storm*. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo analisar a incidência de matérias sobre o surf no programa Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão durante os anos de 2014 e 2015: Quantificando o número de matérias sobre surf, bem como a duração das mesmas, obtendo um comparativo entre os dois anos analisados e classificando os trechos presente nas falas dos interlocutores através das dimensões esportivas. Para isto foi realizada uma varredura no site Globo Play selecionando todas as matérias que abordavam o tema surf nos anos em questão. Os dados foram tabulados de acordo com o nome da matéria, duração e data de exibição, e as matérias foram transcritas gerando um total de 96 páginas de conteúdo. Como critério de seleção para a classificação esportiva, utilizamos o tempo, matérias com exibição inferior a quatro minutos participaram apenas na análise quantitativa. Os trechos selecionados totalizaram 922 e foram classificados em dimensões esportivas sendo espetáculo (54%), emoção (40%), estética (3%), educacional (2%) e ética (1%). A incidência de matérias, bem como o tempo de exibição foi maior no ano de 2015, totalizando 34 matérias com 03 horas e 45 minutos de duração, para 20 matérias com 01 hora e 52 minutos do ano anterior. Os dados reforçam a hipótese de que a conquista do primeiro título mundial de surf por um brasileiro aumentou consideravelmente o interesse, a divulgação e a espetacularização esportiva do surf. Possibilitando novas oportunidades no âmbito profissional da Educação Física.

Palavras-chave: Surf. Mídia. Televisão Aberta. Classificação Esportiva. 5 E's.

LISTA DE SIGLAS

ASP	Association Of Surfing Professionals
ASU	Associação de Surf de Ubatuba
COI	Comitê Olímpico Internacional
CT	Championship Tour
IPS	International Professional Surfers
ISA	International Surfing Association
QS	Qualifying Series
WCT	World Championship Tour
WQS	World Qualifying Series
WSL	World Surf League

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Dimensão esportiva emoção – narradores.....	34
Tabela 2 Dimensão esportiva emoção – atletas.....	35
Tabela 3 Dimensão esportiva emoção – especialistas.....	35
Tabela 4 Dimensão esportiva estética – estilo de vida.....	36
Tabela 5 Dimensão esportiva estética – admiradores.....	37
Tabela 6 Dimensão esportiva espetáculo – apelo motivacional e emocional.....	42
Tabela 7 Dimensão esportiva espetáculo – plasticidade midiática e estetização do movimento.....	43
Tabela 8 Dimensão esportiva espetáculo – capacidade de comunicação e interferência global.....	44
Tabela 9 Dimensão esportiva educacional – parâmetro formativo.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Comparativo entre os anos de 2014 e 2015 quanto à duração das matérias sobre surf.....	32
Gráfico 2 Percentual bianual de acordo com a classificação esportiva dos trechos transcritos.....	39
Gráfico 3 Percentual da dimensão espetáculo comparando a série 'Nas Ondas' com as demais reportagens.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 PROBLEMA	11
1.3 OBJETIVO GERAL	11
1.3.1 Objetivos Específicos	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 HISTÓRICO DO SURF	13
2.1.1 O SURF NO BRASIL.....	17
2.1.1.1 <i>Brazilian Storm</i>	20
2.2 CLASSIFICAÇÃO ESPORTIVA DA MODALIDADE.....	22
2.2.1 MODELO ANALÍTICO DOS 5 E's	23
2.3 O SURF NA MÍDIA	25
2.3.1 TELEJORNALISMO ESPORTIVO	27
2.3.1.1 Esporte Espetacular	28
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	29
3.1 TIPO DE ESTUDO	29
3.2 AMOSTRA	29
3.2.1 Critérios de Inclusão	29
3.2.2 Critérios de Exclusão	29
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	30
3.3.1 Instrumentos	30
3.3.2 Procedimentos	30
3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS	31

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1 EMOÇÃO	32
4.2 ESTÉTICA.....	36
4.3 ÉTICA.....	38
4.4 ESPETÁCULO	39
4.4.1 Movimentação Do Contexto Econômico e Mercadológico	41
4.4.2 Apelo Motivacional E Emocional	41
4.4.3 Plasticidade Midiática E Estetização Do Movimento	42
4.4.4 Capacidade De Comunicação E Interferência Global	43
4.4.5 Mobilização Populacional	44
4.5 EDUCACIONAL	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Os indícios sobre o início da prática do surf estão em um passado longínquo e difuso nas culturas peruana e havaiana. Ninguém sabe ao certo quem deu origem ao deslize sobre as ondas em uma prancha, mas os primeiros relatos surgiram no ano de 1779 pelo navegador inglês James Cook, que ao descobrir o Havaí relatou os hábitos dos locais. Mais de cem anos depois, o surfista havaiano Duke Kahanamoku, considerado o pai do surf moderno, ganhou medalha de ouro nos 100m livres na natação nos Jogos Olímpicos de Estocolmo (ZUCCO, F. et AL, 2002). Daí em diante, o surf ganhou novos adeptos, e também se expandiu para diversas regiões do mundo: Califórnia, Austrália, chegando ao Brasil na década de 30.

Atualmente, este esporte radical tem tido cada vez mais destaque no cenário nacional, essa crescente deve-se aos feitos da nova geração do surf no país, intitulada *Brazilian Storm*. Nos anos de 2014 e 2015 os campeões do Circuito Mundial de Surf foram brasileiros, Gabriel Medina e Adriano de Souza, e atualmente temos dez competidores dentre trinta e quatro atletas da divisão principal do tour mundial (WSL, 2018).

Essa influência refletiu um maior número de interessados na cultura do surf e também no aumento de praticantes da modalidade. Mas tudo isso foi possível graças às tecnologias envolvidas na promoção e divulgação destes campeonatos, que permitiram um maior acesso ao público. A implantação de um sistema de processamento de notas, juntamente com a captação e transmissão das imagens, faz com que as informações sobre as disputas estejam disponíveis para acesso de forma ágil, fácil e eficaz, atendendo a todos os tipos de consumidores, sejam eles atletas, equipes técnicas, organizadores, imprensa e público em geral (MURARA, S. 2008).

Na mesma proporcionalidade em que há um avanço tecnológico na organização dos campeonatos, é natural que haja um maior apelo midiático em relação ao esporte. Resposta recente a essa espetacularização é a decisão do COI de incluir o surf no programa dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020.

Segundo pesquisa IBOPE de 2012, 70% da população assiste a programas esportivos na televisão. O presente estudo pretende analisar se essa crescente vem sendo representada também pelas grandes redes de comunicação em massa, mais

especificamente, como o surf é abordado em programas esportivos da televisão aberta.

1.1 JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se sob o ponto de vista pessoal, a partir da minha inserção enquanto praticante da modalidade ao longo dos últimos cinco anos, e como entusiasta desde o final da década de 90.

A justificativa acadêmica deste trabalho incide sob a pequena quantidade de trabalhos acadêmicos encontrados que analisem a exploração midiática do surf pelos meios de comunicação, em especial, a televisão.

Sob ponto de vista social, faz-se necessário que o surf seja entendido enquanto uma modalidade que sofre influência da mídia na sua propagação e, além disso, reflete oportunidade de trabalho para profissionais formados em Educação Física.

1.2 PROBLEMA

Qual a incidência de matérias sobre o surf no programa Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão durante os anos de 2014 e 2015? Espera-se que tenha ocorrido um aumento significativo na transmissão de conteúdo sobre o esporte competitivo, tendo como referência o fato de que nestes anos, os campeões do circuito mundial de surf, são brasileiros.

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar a incidência de matérias sobre o surf no programa Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão durante os anos de 2014 e 2015.

1.3.1 Objetivos Específicos

- 1) Quantificar o número de matérias exibidas sobre o surf nos anos de 2014 e 2015.
- 2) Verificar a duração das matérias exibidas sobre o surf nos anos de 2014 e 2015.
- 3) Comparar percentualmente, as matérias sobre o surf no que se refere à quantidade e tempo de exibição nos anos de 2014 e 2015.
- 4) Qualificar as matérias exibidas de acordo com as dimensões esportivas propostas por Marchi Jr (2015): Emoção, estética, ética, espetáculo e educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HISTÓRICO DO SURF

Quando o assunto é a origem do surf, a maioria dos surfistas ou simpatizantes do esporte entende que não há como precisar onde ele surgiu. A dúvida aparece pela existência de relatos históricos que destacam Peru e Havaí como responsáveis pela criação do esporte.

Os peruanos acreditam que possuem os créditos pela invenção da atividade, devido á relatos arqueológicos sobre navegação em *caballitos de totora* datarem três mil anos a.C.. O *caballito de totora* é patrimônio cultural da nação peruana, e sempre foi um instrumento importante para a pesca e sobrevivência do povo litorâneo devido sua facilidade de navegação e liberdade de movimento. “Os comerciantes usaram o caballito para mover mercadorias por distâncias curtas ao longo da costa, enquanto o pescador a usava como uma plataforma itinerante próxima a orla.” (WARSHALL, 2017).

O *caballito* foi desenvolvido para suprir as necessidades de uma comunidade. Para Felipe Pomar, campeão mundial de surf e precursor das investigações sobre a origem do surf ser peruana, a emoção de deslizar sobre as ondas tornou-se recompensa aos que faziam uso dos *caballitos*, e que a partir de então a pratica tornou-se independente da rotina diária de trabalho, nascendo o surf. (WARSHALL, 2017).

A outra vertente sobre a origem do surf é embasada nos relatos do capitão James Cook, que descobriu o arquipélago Havaiano em 1778, e nas pesquisas do historiador Ben Finney que dissertou sobre o surf e a cultura polinésia em sua tese de mestrado em antropologia em 1959.

O surf pode ter começado de uma forma rudimentar em 2000 a.C.. Para Ben Finney, na maioria das ilhas, o surf era principalmente um passatempo para as crianças, podendo ser definido como pegar uma onda em um objeto flutuante feito de qualquer material e de qualquer tamanho. Ao contrário do que era observado nos relatos do antigo Peru, o surf polinésio era universal e realizado de forma lúdica.

O surfe era de fato o esporte mais popular entre os havaianos, sendo os chefes das diversas tribos os que melhor deslizavam sobre as ondas, por isso foi chamado de o “Desporto dos Reis”. Os líderes tinham o privilégio de possuírem

pranchas do tipo “olo” que eram cortadas com uma madeira muito leve e rara na região, enquanto os demais surfavam com “alaias” feitas de uma madeira mais pesada, Koa, ou Carvalho.

Warshaw (2017) constata que “as relações entre esporte, religião, mito, trabalho, guerra, família e namoro eram fluidas - desta forma, o surf veio a ficar entrelaçado com quase todos os aspectos da vida”.

Com a chegada dos homens brancos liderados pelo Capitão James Cook, deu-se início ao processo de colonização, e por consequência desintegração cultural. O surf quase foi extinto. Os missionários associavam a prática do surf com nudismo e sexualidade. Na transição dos séculos XIX e XX a ilha havia se tornado território americano e restavam poucos nativos, estes foram dizimados grande parte pelo contato com doenças européias ou pelo choque cultural entre os povos. “Enquanto o cristianismo florescia, restringindo os costumes pagãos dos nativos, obrigando-os a vestir-se de maneira adequada, a cultura havaiana distorcia-se, sofria uma reviravolta e desintegrava-se” (KAMPION, 1997; ZUCCO; MESQUITA; PILLA, 2002 p.04).

Alguns fatos contribuíram para o renascimento do surf no século XX: O relato da experiência visual do poeta Jack London ao desembarcar no Havaí em 1907, batizado de ‘*A Royal Sport*’; O convite para que George Freeth, o melhor surfista de Waikiki, fizesse demonstrações públicas de desportos havaianos na Califórnia em 1907; E a criação da primeira organização mundial de surf ‘*Outrigger Canoe and Surf Club*’ na praia de Waikiki por Alexandre Ford em 1908. Três anos mais tarde, um grupo de havaianos, entre eles Duke Kahanamoku, funda um clube local denominado de Hui Nalu (KAMPION, 1998; FORTES, 2012; WARSHAW, 2010; FERREIRA, 2013).

Duke Kahanamoku, campeão olímpico de natação em 1912 e 1920, é considerado o pai do surf moderno. “Através de Duke e outros surfistas, na primeira metade de século XX o surf foi dado a conhecer em diferentes pontos do globo, e foi ganhando progressivamente simpatizantes e praticantes” (FORTES, 2012).

Outro fato marcante ocorreu na década de 20, quando o californiano Tom Blake construiu a primeira prancha oca e inventou a quilha que possibilitou maior controle e estabilidade no ato de deslizar na onda. Estas mudanças possibilitaram que o surf fosse facilitado permitindo que o esporte tivesse mais adeptos. (WARSHAW, 2010; FERREIRA, 2013).

Durante a década de 60 ocorreu o primeiro *boom* do esporte. O surf é beneficiado por duas inovações: as pranchas de poliuretano¹ e os artefatos isotérmicos de Neoprene que permitiram que os adeptos praticassem a modalidade durante o ano inteiro e pelo mundo todo. (WARSHAW, 2010; FERREIRA, 2013).

Nos anos seguintes, o mundo acompanhou uma crescente divulgação do esporte através dos meios de comunicação: filmes, músicas, livros e revistas voltados ao surf. A primeira revista específica chamada *Surfer*, e outras revistas amplificaram o público da cultura do surf, criando um novo mercado, o de imagens de surf, que trouxe fotógrafos para a beira da praia e deixou os surfistas mais ávidos em realizar manobras cada vez mais radicais com o intuito de estrear revistas e filmes de surf (KAMPION, 1997; ZUCCO; MESQUITA; PILLA, 2002).

A década de 70 foi marcada por desinteresse e apatia ao mundo competitivo do surf. Durante o mundial de 1970 na Austrália houve crises, apreensão de drogas, mau comportamento e confusões que traduziam o espírito da época e iam contra os ideais pacifistas. Em contrapartida, muitos surfistas estavam interessados em buscar ondas perfeitas em locais secretos, ondas nunca surfadas antes. Esta busca resultou no surgimento do turismo de surf, envolvendo viagens internas e externas por determinado período com o objetivo principal de praticar o esporte. Cabe destacar que as *Surf Trips* ampliaram o mercado e a indústria do esporte. (FORTES, 2012; FERREIRA, 2013)

Ainda na década de 70, surgem as três maiores marcas de surf mundial *Rip Curl*, *Quicksilver* e *Billabong* e passam a investir nos atletas. Paralelamente a elas, três importantes inovações materiais são determinantes para o futuro do surf mundial: o leash, o Bodyboard e a Fish Twin-Fin² (FORTES, 2012).

O surf profissional passa a receber maior destaque em 1982, quando Ian Cairns recebe apoio financeiro da *Ocean Pacific* para fundar a *ASP Association of Surfing Professionals*, fazendo cair a *International Professional Surfers* (IPS), também fundada por Cairns e responsável pelos campeonatos mundiais até então (FORTES, 2012).

Ainda no início da década de 1980, Simon Anderson inventa a triquilha *Thruster*, uma prancha “curta, leve e munida de três quilhas, que fornecem maior

¹ O poliuretano foi desenvolvido durante a II Guerra e substituiu a madeira na construção de pranchas de surf (WARSHAW, 2010; FERREIRA, 2013).

² Prancha com duas quilhas, mais manobrável e instável, que permite um surf de linhas mais fechadas (FORTES, 2012).

tração lateral, permitindo realizar linhas mais fechadas em zonas críticas da onda sem derrapagens involuntárias” descumprindo os padrões estabelecidos até então, levando o surf a uma nova dimensão técnica. Atualmente este modelo de prancha é convencional no mundo inteiro. (KAMPION & BROWN, 1998; FORTES, 2012; FERREIRA, 2013; CARROL, 2014).

Na década de 90 o foco da ASP assume um conceito ‘*Dream Tour*’, buscando áreas remotas com ondas de qualidade. Esse conceito deu origem à filosofia da empresa, ‘os melhores surfistas do mundo, as melhores ondas do mundo’, que continua sendo o princípio orientador da organização até hoje³.

Com mais de 60 eventos profissionais, e observando as mudanças gradativas do esporte, a ASP determina uma nova estratégia de desenvolvimento das competições: O *World Championship Tour* (WCT), que reunia os 44 melhores surfistas do mundo, mais quatro convidados pelos patrocinadores do evento, de onde se designava o campeão mundial; e o *World Qualifying Series* (WQS) que era a divisão de acesso para o WCT (FORTES, 2012).

Ao longo dos anos o WCT assiste à presença de dois dos surfistas mais influentes da história do surf mundial: Lisa Anderson e Kelly Slater. (FERREIRA, 2013).

O surf de hoje é visto como sinônimo de qualidade de vida, lazer, esporte, profissão e um vasto campo para o mundo dos negócios. O próprio estereótipo do praticante contribui para que o surf tenha uma boa imagem, o atleta é visto como corajoso, está sempre em forma, com aparência saudável, além de incentivar a preservação do meio ambiente (BALIOLI, 2005; TAMBELINI, 2009).

Todos estes aspectos tornaram o esporte muito popular em todo o mundo. Muitas pessoas aderiram a prática do surf, mas a grande maioria se interessa por apreciar o estilo de vida representado pela cultura do surf.

Quanto à vertente esportiva, Kelly Slater é o grande responsável por alterar o paradigma do surfista profissional. Desde a conquista do seu primeiro título mundial aos vinte e um anos de idade, até o presente momento, já são 11 títulos mundiais. Ele dominou o panorama competitivo e técnico, reinventando o surf através de novas e progressivas manobras. Também se tornou numa estrela fora de água com a realização de comerciais, séries de Hollywood, filmes e jogos, tornando-se um

³ Disponível em <http://www.worldsurfleague.com/pages/about>

influenciador de muitas pessoas, pois suas conquistas abriram portas para várias gerações (BORTE, 2013; FERREIRA, 2013).

No ano de 2015, a ASP (*Association of Surfing Professionals*) tornou-se *World Surf League* (WSL), supervisionando os principais campeonatos da elite masculina e feminina do surf mundial: *World Championship Tours*, a *Qualifying Series* (QS), o *Big Wave Tour*, o *World Longboard Championships* e o *World Juniors Championships*⁴.

A WSL é responsável por organizar a turnê anual de competições profissionais de surf. Os eventos são limitados em treze por ano, e de acordo com a comissão da WSL, há restrições para o número de eventos realizados em um mesmo país sede. Ocorrem em paralelo, dois circuitos, um masculino e um feminino, e suas pontuações em cada etapa determinam qual posição assumirão no ranking anual.

2.1.1 SURF NO BRASIL

Há rumores de que o esporte se iniciou no Brasil na década de 30, quando dois jovens paulistas tentaram construir suas próprias pranchas de surf para deslizar as ondas do litoral de Santos. Naquela época as praias não eram muito frequentadas, e o movimento acabou não sendo difundido. Somente em meados da década de 50 que o surf se expandiu como esporte na praia do Arpoador no Rio de Janeiro (GUTENBERG, 1989; REZENDE, 2004; DIAS, 2009).

Para Dias (2009) os dois movimentos são independentes:

“Nesse ponto, deve-se destacar que não há nenhum indício de que esse desenvolvimento tenha qualquer correlação com os acontecimentos de Santos. Ou seja, não se tem nenhum tipo de vínculo ou continuidade entre esses dois eventos. Ao contrário, são dois movimentos absolutamente autônomos e que não se influenciaram em nada e em nenhuma medida – ao menos até onde se sabe. A gênese do surfe no Brasil, portanto, encontra-se no Rio de Janeiro, que foi onde a prática ganhou popularidade, gerou um mercado ao seu redor e finalmente, consolidou uma rede de atores que, dali em diante, adotariam o esporte como estilo de vida e marco formador de suas identidades” (p.258).

No início da década de 60, o que se entendia como surf brasileiro era bastante primitivo. As pranchas eram feitas de maderite e os brasileiros que

⁴ Mais sobre os campeonatos organizados pela WSL disponível no site <http://www.worldsurfleage.com>

praticavam o esporte só desciam as ondas e deslizavam, sem executar feitos muito radicais. Em 1964 Russel Coffin tinha trazido uma prancha de fibra de vidro dos Estados Unidos e por coincidência encontrou o surfista nômade Peter Troy que pediu sua prancha emprestada para surfar no Arpoador. Peter aproveitava o máximo da onda, realizando várias manobras. “Ao sair do mar, centenas de pessoas o aplaudiam! Peter tinha, mesmo sem saber, plantado a semente do verdadeiro surfe em terras brasileiras” (REZENDE, 2004).

Mesmo com a consagração de Troy, o feito da popularização não se deve apenas a este episódio. Já circulavam no Brasil revistas americanas sobre a evolução do esporte no EUA, os jornais da época noticiavam a preparação do atleta Múcio para competição no Peru, se referiam as habilidades de “nove pranchistas” que encantavam os banhistas nas praias do Rio, a presença de alunos do Colégio Americano como o próprio Russel Coffin com sua prancha de fibra, até mesmo um campeonato que teria acontecido no Arpoador alguns meses antes, contextualizavam que o esporte estava em uma crescente significativa e que sua disseminação estava acontecendo (DIAS, 2009).

No ano de 1965 foi criada a Federação Carioca de Surf. Sua importância é destacada pela promoção de campeonatos e também pelo contato com surfistas americanos que promoveram ainda mais o esporte no país. Como resultado, tivemos também intenções comerciais mais sérias, como o investimento em fábricas de pranchas, o consumo da moda surf no vestuário (DIAS, 2009).

O golpe militar influenciou diretamente o poder econômico da população, o que refletiu também no desenvolvimento do surf. Estas mudanças foram sentidas na década de 70, quando havia grande número de consumidores para os produtos relacionados ao esporte, e sua aquisição gerava estima social tanto pelo custo quanto pelos valores relacionados à cultura e estilo de vida dos surfistas. O crescente interesse no esporte aguçou a esfera competitiva no Brasil. A criação da Associação de Surf de Ubatuba (ASU) trouxe uma rivalidade entre paulistas e cariocas que movimentaram os campeonatos nacionais e este pode ser considerado o início do surf profissional no país (REZENDE, 2004; DIAS, 2009).

Todos estes fatores contribuíram para uma mentalidade dividida: alguns torciam pela esportivização do surf, enquanto outros gostavam de pensar nele apenas como estilo de vida e diversão. Para David Both (1995) apud (DIAS, 2009):

“Existe uma ambiguidade no prazer e na disciplina. A institucionalização do esporte, que significa sua modulação nos termos do espetáculo esportivo, encerra algum nível de disciplinarização. É preciso determinar antecipadamente, por exemplo, um calendário para as competições e nem sempre o local das disputas serão os que tem as melhores ondas ou nem sempre serão o da preferência dos surfistas. O processo pode trazer, portanto, algum nível de descontentamento, forçando os surfistas a contrariarem suas predileções. Ter-se-á ainda, inevitavelmente, alguns outros embaraços, tais como a necessidade de treino, o cumprimento de contratos e uma série de outras responsabilidades. Nesses termos, o conteúdo libertário, transgressor e transcendental fornecido pela experiência do contato com o mar, que, de acordo com muitos surfistas, “denota uma vivência quase espiritual”, seria substituído por uma mentalidade mais convencional, isto é, mais condizente com a competição e com a busca de lucros e resultados. O esporte seria então profanado.” (p.274).

Em compensação, essa comercialização do esporte é o caminho que os surfistas encontraram para realizar o sonho de viver do surf. O patrocínio proporcionava que eles fossem surfistas em tempo integral, vinte e quatro horas por dia (DIAS, 2009).

No ano de 1972 tem início o primeiro ‘Festival de Surf de Ubatuba’, reunindo surfistas do Brasil inteiro. A competição marca o início de um aumento na mentalidade de esportivização, o que no ano seguinte tornou-se um movimento que reuniu mais de mil pessoas reivindicando que o surf fosse reconhecido como esporte e não apenas diversão, junto a Confederação Nacional de Desportos (DIAS, 2009).

Paralelamente ao desejo de profissionalização, a conduta de alguns surfistas associava a imagem do surf a indivíduos descompromissados e desordeiros. Esta distorção dos valores e da cultura surf só seriam recuperados anos mais tarde, através de pessoas competentes, bem como novos veículos de comunicação e mídia especializada atuando em prol do surf. Neste período o surf teve um novo *boom*, marcado por nomes como Flavio Boabaid, Arnaldo Spyer e Roberto Perdigão, donos da Master, empresa que promoveu o I Festival Olimpikus de Surf, no ano de 1982 (REZENDE, 2004; DIAS, 2009).

No ano de 1986, o campeonato OP PRO 86 teve setecentos e oitenta e seis atletas inscritos, este fato aponta um crescimento na indústria do surf no Brasil, gerando muitos empregos e apoio aos atletas. Dois anos mais tarde, o paraibano Fábio Gouveia conquistou o título do campeonato mundial de surf amador, em Porto Rico; sendo assim, o surf estava de volta ao ápice (REZENDE, 2004).

Os anos noventa foram marcados por uma nova concepção de surf, inspirados em Kelly Slater, muita velocidade e agressividade nas manobras. Foi

neste período que dois talentos brasileiros despontaram no cenário de surf internacional, Teco Padaratz e Fábio Gouveia competiam em situação de igualdade com os gringos no circuito mundial de surf, nas divisões principal e de acesso (REZENDE, 2004).

Desde então o Brasil sempre esteve bem representado nos eventos internacionais, grandes nomes se sagraram campeões de algumas etapas do WCT (*World Championship Tour*), como: Pepê Lopes, Daniel Friedman, Fábio Gouveia, Flávio 'Teco' Padaratz, Peterson Rosa, Ricardo Tatuí, Victor Ribas, Neco Padaratz, Jadson André, Bruno Santos, Adriano de Souza, Gabriel Medina, Filipe Toledo e Ítalo Ferreira.

2.1.1.1 *Brazilian Storm*

No ano de 2011, uma nova geração de surfistas brasileiros explodiu no circuito mundial, chegaram de um jeito que seus oponentes não esperavam, ganharam etapas do WCT logo em suas primeiras participações, e foram apelidados pela mídia especializada como a tempestade brasileira ou *Brazilian Storm* (BARCO e GUERRA, 2013). Para o site de notícias R7, em março de 2014 essa geração é “uma fornada reconhecida por rivais, técnicos, especialistas, veículos de comunicação e fãs de todo o mundo como a melhor produzida pelo Brasil na história”.

Gabriel Medina é considerado o precursor desta geração, no ano de sua estréia no circuito saiu vitorioso de duas etapas seguidas. Em entrevista ao portal de notícias R7 ele relata:

“É uma honra fazer parte da *Brazilian Storm* porque meus colegas possuem um compromisso profissional com o aprimoramento. São todos muito competitivos. Conseguem unir prazer de surfar, dedicação, profissionalismo e talento de uma forma ainda não vista no surfe brasileiro. Por isso, creio, os resultados começam a aparecer nesta intensidade. Kelly Slater, *Parko*, Mick Fanning, Taj Burrow, C.J. Hobgood, todos esses caras sempre foram monstros, nossos ídolos. Hoje, veja só, estamos aí, ao lado deles. É um prazer intenso, curioso e até estranho enfrentá-los percebendo que eles têm medo da gente em certas ocasiões. Não o medo pejorativo, mas aquele vindo do respeito, do reconhecimento, da consciência de que nós hoje podemos vencê-los a qualquer momento, em qualquer uma das onze provas do circuito. Se vamos vencer ou não no final é outra história, mas estamos nivelados para competir com os caras. Por isso estou certo de que o título inédito de uma temporada para o Brasil é questão de tempo” (ESPORTES DO R7, 2014).

A *Braziliam Storm* não se trata apenas de jovens talentosos e competitivos. Por trás de todo esse sucesso existe muita dedicação e disciplina nos treinamentos e na manutenção do condicionamento físico, além de elementos que contribuem para seus resultados.

“Os brasileiros tinham fama no circuito de não falar o inglês, sempre reclamar das decisões dos juízes e levar a coisa na corda bamba, no amadorismo, no surfe não como esporte e profissão, e sim como estilo de vida, *way of life*, droga e tal. Esses meninos quebraram esse paradigma. São atletas. Não usam drogas. São competitivos. Enxergam a coisa como profissão. Colocaram na cabeça que, apesar do prazer romântico proporcionado pelo surfe, é preciso vencer, sem bem sucedido, e ponto final”. (ESPORTES DO R7, 2014).

Outro fator que culmina para o sucesso da *Braziliam Storm* são as gerações que os antecederam no esporte. De certa forma foram eles quem desbravaram e construíram um ambiente para que tudo isso se tornasse possível. Ainda no caso de alguns integrantes, este vínculo está em seu núcleo familiar, “A família de Medina tem uma loja de material de surfe. Pupo é filho do ex-surfista e *shaper* Wagner Pupo. E Filipe tem em casa, como papai, o bicampeão brasileiro de surfe Ricardo Toledo” (ESPORTES DO R7, 2014).

Em dezembro de 2014, Gabriel Medina conquistou um feito jamais alcançado por nenhum brasileiro. Ele venceu três etapas, e ficou bem colocado nas outras oito do circuito e se sagrou o primeiro brasileiro a conquistar um título mundial de surf. No ano seguinte, além do recorde no número de brasileiros competindo no WCT, tivemos o segundo brasileiro a conquistar o título de campeão mundial. Adriano de Souza, o Mineirinho venceu a etapa de *Margaret River* na Austrália e a etapa *Pipe Masters* no Havaí, mas ficou com dois segundo-lugar e dois terceiro na somatória de onze etapas, tornando-se o campeão no ano de 2015 (ABRAMVEZT; FONTES, 2015).

O ano de 2015 foi considerado o melhor da história do surf brasileiro. Além do título de Mineirinho, o Brasil teve muitos outros destaques no ano: Gabriel Medina venceu a Tríplice Coroa Havaiana; Ítalo Ferreira ficou na sétima colocação do ranking no WCT e foi eleito o estreante do ano; Os brasileiros foram campeões em seis das onze etapas do CT; Caio Ibelli terminou o ano na liderança da divisão de acesso garantindo vaga no circuito no ano seguinte; o atleta Lucas Silveira se torna

campeão mundial na categoria Junior; Samuel Pupo foi eleito o melhor atleta do mundo entre atletas até dezesseis anos; Caio Vaz ganha o título de campeão mundial de SUP (categoria de surf em pranchas de stand-up-paddle); Carlos Burle terminou o Mundial de Ondas Grandes na oitava colocação; Chloé Calmon terminou a temporada em terceiro lugar pelo Mundial de Longboard. (ABRAMVEZT; FONTES, 2015).

Em 2016 tivemos novo recorde em participações brasileiras no CT masculino, no ano anterior tinham sido sete e neste ano, dos trinta e cinco competidores, dez eram brasileiros: Adriano de Souza, Alejo Muniz, Alex Ribeiro, Caio Ibelli, Filipe Toledo, Gabriel Medina, Ítalo Ferreira, Jadson André, Miguel Pupo e Wiggolly Dantas formavam o time. (WSL RANKING, 2017).

2.2 CLASSIFICAÇÃO ESPORTIVA DA MODALIDADE

Ao passo que a história do surf se origina há milhares de anos atrás, o surf como esporte tem um início recente. Se datarmos da primeira competição realizada em 1964 na Austrália, até os dias atuais, temos pouco mais que meio século de feitos. Foi na década de 80 que o surf passou por “um processo de desportização, onde normas regras e condutas se aproximaram a um ritmo vertiginoso dos padrões desportivos designados tradicionais” (THADEU 1997; FORTES, 2012).

Podemos compreender estes padrões esportivos quando conhecemos a definição de esporte:

“seja ele qual for, é uma atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos duas partes. Exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física. O grupo de participantes é organizado de tal maneira que em cada encontro ocorre um padrão específico de dinâmica de grupo – um padrão que é flexível, umas vezes mais, outras vezes menos, e, por isso, variável e, de preferência, não inteiramente previsível no seu curso e nos seus resultados” (Elias & Dunning, 1995 apud Marchi Jr, 2015 p.49).

Existem outras definições complementares que ampliam nossa discussão e auxiliam na construção da classificação esportiva. Para Marchi Jr (2015) é importante considerar diferentes contextos culturais:

“Não há uma definição precisa e única que identifique o esporte em todas as culturas e em todos os tempos. Há que se considerar os sentidos, as formas de organização, as propostas e subsídios destinados a esse esporte. E mais, a quem interessa essa prática, além de quem são os mais beneficiados nesse cenário” (COAKLEY, 2015; MARCHI JR, 2015 p.53).

Para vias deste estudo, podemos utilizar a definição esportiva de Marchi Jr (2015) sobre o esporte na contemporaneidade:

“fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinâmica e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização” (p.59).

2.2.1 MODELO ANALÍTICO DOS 5 E's

Antes de propor um modelo de análise, é preciso compreender que existe uma interferência social que afeta o indivíduo a partir de uma transferência de valores e comportamentos de uma sociedade para o esporte, como quando um aluno busca ser igual á seu ídolo. Este relacionamento ocorre também de maneira inversa, quando esta competência passa do micro ao macrosocial. Um exemplo é quando grandes corporações utilizam seguem o modelo de desenvolvimento de determinadas modalidades esportivas que obtiveram êxito (MARCHI JR, 2015).

Baseado nessa compreensão e na definição do esporte, Marchi Jr (2015) propõe um modelo analítico baseado na polissemia dimensional que busca “analisar o esporte a partir de cinco dimensões dentro de um contexto macrosocial”. São elas: Emoção, Estética, Ética, Espetáculo e Educacional.

A **Emoção** está relacionada aos desafios que o esporte pode provocar a seu praticante. Os riscos controlados podem ser apresentados de forma natural, ou tecnologicamente elaborados. Proporciona quebras de rotina que constantemente elevam o nível de excitação do ser humano ao limite. Em contrapartida, quanto maior o nível do desafio, maior a satisfação em realizá-lo. Quando atrelada ao surf, podemos citar as competições de ondas gigantes, onde o desafio do surfista não está diretamente relacionado a um oponente, mas sim as forças da natureza. (MARCHI JR 2015).

O conceito de **Estética** é erroneamente associado á saúde, fundamentado na crença de que toda e qualquer prática esportiva esta voltada para o um estado de bem estar ou de desenvolvimento de atributos físicos e aspectos fisiológicos de interesse do praticante. Associação equivocada e perigosa, que é dismistificada quando pela perspectiva profissional e de alto rendimento (MARCHI JR 2015).

Paralelo á estética, temos o padrão de beleza imposto pela sociedade (de consumo), abrangendo um estilo de vida ou hábito social onde as pessoas buscam afirmação. O surf expressa isso, corpos sarados e seminus instigam os praticantes a buscarem cada vez mais o corpo ideal, não se tratando somente das valências físicas exigidas para pratica, mas sim ao esteriótipo vendido pelo estilo de vida. (MARCHI JR 2015).

A terceira dimensão fala sobre a **Ética**, que é o conjunto de regras comportamentais e padrões baseados nos valores e princípios construídos pela sociedade. Ao que se refere às condutas, o *fair play* está disseminado no ambito profissional, mas também muito presente em diversos níveis de manifestações esportivas. Os participantes respeitam de forma incondicional, as regras do jogo e o código de honra estabelecido por cada grupo ou modalidade. (MARCHI JR, 2015).

Para Marchi Jr (2015) esta superficialidade em concordar e respeitar as regras determinadas para permitir o transcorrer das atividades trata-se de uma “pseudo-ética”:

“Portanto, ao falarmos ou analisarmos o esporte sobre o ponto de vista ético, temos que, inevitavelmente, levarmos em consideração as relações e os paradigmas que as constroem no contexto da sociedade contemporânea. Soa como hipocrisia falarmos em respeito às regras sociais quando as mesmas não são construídas, aceitas e praticadas por grande parte da sociedade nas mais diversas situações do nosso cotidiano” (p.62).

No surf podemos citar as regras de etiqueta ao que se refere principalmente a qual surfista tem prioridade para surfar a onda. Basicamente o surfista que está posicionado mais perto do pico da onda tem direito a surfá-la. Porém a conduta de muitos praticantes é incoerente, eles respeitam a regra da prioridade, porém passam por cima dos valores “roubando” a prioridade cada vez que retornam para o *outside*.

Para definir a dimensão do **Espetáculo** é preciso elucidar que esporte espetáculo não é sinonimo para esporte de rendimento. Mas que em paralelo a ele se encontra outro possível E – o Econômico (MARCHI JR, 2015).

De maneira geral, o esporte de rendimento deve ser descrito como toda atividade onde há metas e exigência da superação de um objetivo. Para Marchi Jr (2015) “existem vários níveis de rendimento que vão desde os iniciantes em modalidades esportivas, passando pelos atletas profissionais ou ainda por idosos inseridos em programas de atividades físicas.”. E nem sempre essas manifestações são apresentadas na forma de espetáculo. Para que um esporte seja definido como espetáculo, existem alguns aspectos estruturais a serem observados.

“São elas, por exemplo, a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico; a geração e constituição de ofertas e demandas; seu apelo motivacional e emocional; plasticidade e viabilidade midiática (incorporando os aspectos performáticos do esporte e a “estetização do movimento”); capacidade de comunicação e interferência global; e mobilização populacional, entre outros.” (MARCHI JR, 2015 p.62).

Para Borges (2012) o surf na atualidade tem grande participação no desenvolvimento econômico, movimentando diferentes nichos através de campeonatos, atletas profissionais e patrocinadores.

A dimensão **Educacional** se baseia no princípio formativo, Marchi Jr (2015) defende a ideia que esta dimensão deveria conectar todas as outras, como uma maneira informal de permitir que o indivíduo seja capaz de refletir e ter senso crítico, características apreciadas na sociedade contemporânea.

Quanto ao surf, um exemplo da interação entre as dimensões emoção, estética, ética e espetacularização é o dilema da década de 70 entre a profissionalização do esporte versus o estilo de vida. As discussões e posturas tomadas em relação ao esporte refletiram na dimensão educacional que abordamos aqui.

2.3 O SURF NA MÍDIA

Quanto à formação da opinião pública, o jornalismo tem importante papel na sociedade. O mesmo pode-se afirmar sobre o jornalismo esportivo quando se trata de esporte e sua expressão. É considerado uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que o esporte vira notícia, a notícia traz mais interessados ao esporte (LABOMIDIA, 2013).

No início dos anos 60, essa relação entre a mídia e o surf trouxe para o esporte ideias de lucro e exploração comercial através da espetacularização, o que incomodou uma parte dos praticantes que vislumbravam a prática diferentemente de como ela era exibida nos filmes de Hollywood. Então surgiu uma nova vertente, os filmes especializados, feitos de forma mais artesanal, pelos próprios surfistas. Estes eram um “canal para a divulgação da rebeldia e inconformismo característicos da cultura do surf na Califórnia” (MELLO; FORTES, 2009). Esses mesmos autores afirmam que este estilo de vida foi propagado através dos meios de comunicação para o mundo inteiro.

No Brasil, as manifestações midiáticas sobre o surf se iniciam por volta dos anos 60, ganham força na década de 70, mas têm seu ápice na década de 80. “A produção midiática sobre surf dá um salto no Brasil, um retrato do crescimento do interesse do público e o fato de que a juventude passava a ser cada vez mais um alvo do mercado e dos meios de comunicação” (MELLO; FORTES, 2009).

Na televisão novelas, filmes e seriados, no rádio, emissoras que divulgavam os campeonatos de surf, revistas especializadas como a pioneira Brasil Surf, e sua aprimorada discípula Fluir. Toda esta produção midiática divulgava o surf como estilo de vida, ao mesmo tempo servia como consolidação de um novo mercado de surf no Brasil (MELLO; FORTES, 2009).

A década de 90 foi marcada por mudanças tecnológicas no mundo do surf: Durante a competição da Tríplice Coroa Havaiana em 94, ocorreu à primeira divulgação online de resultados; no ano de 95 os áudios das transmissões tornaram-se disponíveis ao público e no ano seguinte a empresa Portugal Telecom3 disponibilizou áudio, vídeo e resultados em tempo real em uma transmissão pela internet. (MURARA; FERRO, 2009).

O alcance das transmissões dos campeonatos em tempo real foi comentado por Murara e Ferro (2009):

“Um evento virtual de surf tem uma maior amplitude de audiência e de área de cobertura, uma vez que pode ser visto por qualquer pessoa que tenha acesso à Internet em qualquer lugar do mundo. Outro diferencial deste tipo de evento é a interação do usuário com o evento. Ele poderá consultar informações mais detalhadas a respeito da localização, dados meteorológicos, resultados, cronograma do evento, patrocinadores, perfil dos atletas, entre outras. Também poderá comunicar-se com a locução do evento através de mensagens eletrônicas” (p.09).

Com a virada do século, o surf ganha proporções na era digital. Além dos campeonatos, através da internet conseguimos acompanhar em tempo real, as condições de surf em alguns picos monitorados por câmeras, visualizar mapas de previsão das ondas, assistir a vídeos de desempenho dos atletas, acessar dicas sobre a prática do surf e a modalidade em geral (WARSHAW, 2010; FERREIRA, 2013).

2.3.1 TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Na década de 70 a televisão ainda não tinha aparatos tecnológicos para acompanhar e transmitir eventos esportivos, e os eventos, por sua vez, não tinham organização suficiente para serem televisionados. Com o passar dos anos, a televisão se desenvolveu para não somente transmitir os eventos, mas espetacularizá-lo. Por sua vez “o esporte também começa a apresentar-se como um evento organizado de grandes dimensões: com expressivos patrocínios e movimentando pessoas, empresas, países e dinheiro”. Ao mesmo tempo em que a televisão se desenvolve para através da imagem e do som, informar e seduzir o telespectador através das emoções de outros, o esporte se apresenta como potencial assunto a ser explorado. (SILVA; MARCHI JR, 2009).

“É possível dizer que a atuação dos meios de comunicação, especialmente a televisão aberta, não se restringe a apenas informar/atualizar o telespectador sobre resultados, mas promove também o agendamento de eventos esportivos, faz ‘transmissões ao vivo’ e seus especialistas nos dizem o que é o esporte e o que é ser esportista” (MEZZARROBA; PIRES, 2010; LABOMIDIA 2012).

Historicamente, a mídia televisiva faz uso de dois canais de televisão fechada para a transmissão das etapas do circuito mundial de surf, são eles Sportv e ESPN. A tv paga conta ainda com os canais Woohoo e Canal Off, que possuem em sua programação diversas séries voltadas ao público surf,.

Em maio de 2004 o canal Sportv realizou a primeira transmissão ao vivo do WCT, com imagens da Internet. O interesse da transmissão veio após a etapa de Gold Coast, patrocinada pela Quicksilver, registrar 183.000 acessos pela internet. Atualmente a *Sportv* faz a cobertura de todas as etapas do circuito, masculino e

feminino, mas transmissões ao vivo ficam por conta de seu portal na internet (MURARA; FERRO, 2009).

Há quase trinta anos no Brasil, a ESPN se intitula “reconhecida pela mídia e pelo público devido à qualidade nas transmissões, comentários imparciais e a credibilidade de seus profissionais”. Desde 2009 o canal transmite as etapas do *World Championship Tour* ao vivo na televisão paga (ESPN, 2017).

O Woohoo é um canal focado na cultura jovem, idealizado por Antônio Ricardo e Ricardo Bocão que têm sua própria trajetória confundida com a do surf no país. Foi ao ar pela primeira vez no ano de 2006 e até hoje transmite comportamento, música, cultura e esportes de ação. Seguindo essa linha, no final do ano de 2011 estreou na televisão paga o Canal Off. Dois anos após a estreia, o Off lançou a série ‘Mundo Medina’, que acompanha a vida, os campeonatos e a rotina do surfista brasileiro mais aclamado pela mídia e pelo público, Gabriel Medina. No ano de 2016, logo após a conquista do título mundial por Adriano de Souza, o Off produziu ‘Alma Salgada’ série que “mergulha no universo do campeão mundial, resgata sua trajetória, retrata sua rotina dentro e fora da água e mostra o por que de Adriano de Souza ser um dos melhores surfistas do mundo” (WOOHOO 2018; CANAL OFF, 2018).

2.3.1.1 Esporte Espetacular

Com mais de quarenta anos no ar, desde 1973, o Esporte Espetacular é o programa esportivo mais antigo na televisão brasileira. Vai ao ar aos domingos pela manhã e surgiu com intuito de divulgar e abrir espaço para as novas modalidades em uma época em que o futebol era predominante.

No início tinha um aspecto mais formal e apresentava eventos esportivos pouco populares no Brasil, comprados de um programa da rede norte-americana ABC. Hoje, com uma identidade dinâmica, acompanha os bastidores da notícia esportiva, a história dos atletas, e os melhores momentos em diferentes competições nacionais e internacionais.

Atualmente, se tratando da TV aberta, notícias de surf tem sido destaque em quase todas as redes de televisão brasileiras. Não podemos negar a influência da televisão sobre o povo brasileiro, “seja pela importância que tem no cotidiano das pessoas, seja pela amplitude do público que atinge” (FORTES, 2008).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Esta é uma pesquisa explanatória sequencial, designada pela coleta e análise dos dados quantitativos, e em um segundo momento realizada coleta e análise dos dados qualitativos. Descartando o ponto fraco em relação ao tempo envolvido de cada coleta, pois o banco de dados utilizado será o mesmo, somente as consultas serão realizadas em períodos diferentes. (CRESWELL, 2007)

A primeira fase, quantitativa, consiste em dimensionar o número e o tempo de exibição de matérias que abordaram o tema surf nos anos de 2014 e 2015, em um comparativo percentual entre os dois anos, no programa Esporte Espetacular da Rede Globo de televisão. E a segunda etapa em caráter qualitativo, classificando o conteúdo das matérias de acordo com as dimensões esportivas propostas por Marchi Jr. (2015): emoção, estética, ética, espetáculo e educacional.

3.2 AMOSTRA

A definição do programa jornalístico esportivo Esporte Espetacular deu-se por meio de escolha pessoal, por ser veiculado em uma grande emissora de televisão aberta, e exibido aos domingos.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Matérias sobre Surf exibidas durante os anos de 2014 e 2015 no programa Esporte Espetacular, que constem no banco de dados disponível no canal interativo Google Play.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Excluem-se os vídeos que: Não englobam o tema surf; Abordam outra modalidade de esportes aquáticos com prancha, como Windsurfe, Kitesurf ou Wakeboard; Utilizem equipamentos de surf como pranchas de Stand Up Paddle,

mas em locais sem ondas, ou o inverso, não utilizem pranchas, mas deslizem sobre as ondas, não caracterizando a modalidade.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.3.1 Instrumentos

A ferramenta utilizada para a busca e coleta dos dados, foi o site Globo Play. Após levantamento e análise dos vídeos, o tratamento dos dados foi realizado no programa Microsoft Office Excel 2007, através de gráficos de percentil e comparativo das vertentes qualitativas.

3.3.2 Procedimentos

A primeira etapa, quantitativa, foi realizada através de uma varredura no site Globo Play, elencando todas as matérias sobre surf que foram exibidas nos anos de 2014 e 2015 no programa Esporte Espetacular, bem como a data de exibição e sua duração. Com a tabulação destes dados no Microsoft Excel, foi possível gerar um gráfico de percentil determinando o tempo de exibição em cada um dos meses dos anos em questão, e também um comparativo entre os dois anos.

A etapa qualitativa foi composta por quatro fases: Transcrever; Selecionar; Classificar; e Contabilizar. A transcrição foi realizada de maneira fiel e integral ao conteúdo exibido. Ao todo foram transcritas 54 reportagens nos anos de 2014 e 2015 com um total de 05 horas e 37 minutos destinados ao Surf e que resultaram em 96 páginas de transcrição. Foram selecionadas para análise de conteúdo apenas as matérias que possuíam mais de quatro minutos de duração, tendo em vista que as que possuíam menos tempo eram mais destinadas a “chamadas” de reportagens posteriores ou apenas para indicar a participação de representantes brasileiros em eventos da modalidade. Estas foram divididas por trechos que destacam as falas de narradores, apresentadores, atletas e/ou entrevistados, classificados de acordo com as dimensões esportivas propostas por Marchi Jr (2015). Os trechos foram contabilizados de acordo com a classificação, pelo número de repetições por matéria e por ano.

3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS

Por se tratar de uma pesquisa explanatória através da análise de dados coletados por meio de uma ferramenta tecnológica e pública, não há riscos inerentes a sujeitos. Porém, cabe ressaltar que mensurar a exploração midiática em relação ao esporte em questão pode trazer a tona questões que não exercem um aspecto positivo sob a modalidade, como dificuldade de planejamento das entidades envolvidas e o comportamento inadequado de alguns praticantes/atletas (FORTES, 2008, p.11).

Dos benefícios propostos por esta pesquisa podemos elencar: a promoção do esporte surf em diferentes vertentes; a expansão do surf como mercado de trabalho na área da Educação Física; e a amplificação da interdisciplinaridade entre marketing e esportes através das novas possibilidades de pesquisa neste âmbito.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O número total de matérias analisadas foi de 54, sendo vinte exibidas no ano de 2014 e trinta e quatro no ano de 2015. O total de horas de exibição de matérias de surf aumentou consideravelmente de um ano para o outro, passando de 01h52min11seg em 2014, para 03h45min07seg em 2015.



Gráfico 1 Comparativo entre os anos de 2014 e 2015 quanto à duração das matérias sobre surf.

O gráfico acima representa a duração total das matérias sobre surf exibidas nos dois anos em questão, sendo que no ano de 2015 o tempo dedicado ao surf no programa Esporte Espetacular foi praticamente o triplo de tempo do ano anterior.

Dentre as quase seis horas de conteúdo, as matérias com duração inferior a quatro minutos entraram apenas para a estatística quantitativa. As que continham duração de quatro minutos ou mais, totalizaram vinte e sete e foram classificadas de acordo com as cinco dimensões esportivas de Wandereli Marchi Jr, ao todo, 922 trechos tiveram destaque dentro das categorias: Emoção; Estética; Ética; Espetáculo; Educacional.

4.1 EMOÇÃO

Foram 372 trechos dos 922 destacados que configuraram esta classificação esportiva nas matérias exibidas.

Esta dimensão é marcada pelos desafios que o esporte pode ocasionar a seu praticante, levando o ser humano ao limite e a um alto grau de excitação visando à quebra da rotina. (MARCHI JR, 2015). A fala da surfista Maya Gabeira na reportagem de 01 de novembro de 2015, intitulada “De volta a Nazaré, Maya Gabeira revela como superou medo após quase perder a vida nas ondas” expressa o conceito desta dimensão: “É sempre importante você estar ali pra tudo mesmo. Quando você se expõe, você tem que saber que os riscos são altos né, e você tem que estar disposto a enfrenta-los”.

As matérias que envolvem a atleta Maya Gabeira são as que têm maior apelo emocional primeiro pela característica do esporte em que ela está inserida, que é o surf em ondas gigantes, e depois pelo acidente que sofreu surfando no ano de 2013⁵. As matérias exibidas em 2015 abordam o retorno de Maya a Nazaré, cidade conhecida por suas ondas gigantes, e o treinamento para voltar a encarar a onda onde ela quase perdeu a vida.

Dos 13 trechos classificados na matéria de 18 de outubro de 2015, “Exemplo de coragem e determinação, Maya Gabeira volta a desafiar o 'Canhão de Nazaré’”, 12 caracterizam emoção. Também 52 dos 59 trechos classificados na matéria de 19 de novembro de 2015 “Maya Gabeira supera medo, e volta a Nazaré para enfrentar novamente as ondas gigantes”. São classificados dentro desta dimensão.

O trecho em destaque é a fala da apresentadora Glenda Kozlowski na matéria exibida em 01 de novembro de 2015 “De volta a Nazaré, Maya Gabeira revela como superou medo após quase perder a vida nas ondas” em que a apresentadora relata sobre a volta da atleta a Portugal:

“Lá, em outubro de 2013, ela se deparou com a morte. Agora, dois anos depois ela vai encarar novamente o monstro que a levou para o fundo do mar, o Canhão de Nazaré. Uma formação geológica em cone, que direciona as ondulações para criar as mais assustadoras e gigantescas ondas do planeta. Uma força da natureza que tem muito a ensinar”.

A emoção foi expressa pelos narradores em diferentes momentos das matérias analisadas:

⁵ Maya Gabeira sofreu um acidente ao tentar surfar uma onda de 20 metros na manhã do dia 28/10/13, na praia de Nazaré, em Portugal. A brasileira, especialista em ondas gigantes, caiu e ficou inconsciente, precisando ser resgatada por um jetski e levada a uma unidade de saúde da região. (www.globoesporte.globo.com)

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
19/01/14	“Scooby e Mineirinho vão para os Emirados Árabes para sessão de fotos”	“Encarar verdadeiros paredões de água faz parte do dia a dia desse carioca, que também é um especialista em voar sobre as ondas”.
21/06/2014	“Gabriel Medina sofre com irregularidade na Liga Mundial de Surfe”	“A escolha certa, o controle e a coragem para entrar em uma onda de três metros de altura, e sair dela ileso, sem nenhuma falha”.
11/10/15	Glenda surfa com Kalani Lattanzi, que pegou a maior onda da história de um bodyboarder.	“O que ele fez, só ele fez no planeta Essa aí é a maior onda já surfada por um bodyboarder, o equivalente a um prédio de quatro andares, a onda foi em Puerto Escondido no México, em maio deste ano”.
20/12/15	Mineirinho fala sobre trajetória e conta sobre dificuldades até o título mundial	“Muita coisa passava pela cabeça do surfista de vinte e oito anos, depois de dez temporadas competindo na elite do surf mundial, enfim, ele conquistava o título. Um sonho que não parecia ser realidade”.

Tabela 1 Dimensão esportiva emoção - narradores

As falas dos atletas, muitas vezes também como protagonistas da matéria, também estiveram permeadas pela emoção em vários trechos, conforme tabela abaixo:

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
09/03/14	Nas Ondas: surfistas profissionais e amadores encaram a disputa na Costa Rica.	Filipe Toledo: “Foi alucinante, a melhor emoção de toda a minha vida até agora. Eu tinha um sonho de poder entrar na elite né, e cair numa bateria com ele, e o sonho se realizou, mas, mais que isso era poder ganhar dele”.
15/02/15	Gabriel Medina fala sobre as mudanças na vida, após histórico título mundial de surfe.	Gabriel Medina: “Eu vou ser o cara a ser batido ali, e todo mundo vai querer estar no meu lugar, então vou ter que prestar uma atenção a mais”.
26/07/15	Surfista Gabriel Medina conversa sobre seu ano de 2015 com Glenda Kozlowski.	Gabriel Medina: “Tenho treinado, mas o resultado não veio. E o que eu mais aprendi é lidar com a derrota, né. Eu tô aprendendo ainda, é muito difícil pra um atleta, engolir a derrota”.
01/11/15.	De volta a Nazaré, Maya Gabeira revela como superou medo após quase perder a vida nas ondas.	Maya Gabeira: “Então como é que você tem certeza que você aguenta tomar aquela série? Como é que você tem certeza que você consegue voltar naquela arrebentação? Você não tem né”.

Tabela 2 Dimensão esportiva emoção - atletas

Na opinião de especialistas ou técnicos essa dimensão esportiva também esteve presente, a partir das seguintes frases selecionadas:

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
09/03/14	Competição é decidida no ‘tudo ou nada’ e equipe amarela é a campeã de 2014.	Teco Padaratz: “Não pode errar, só tem três ondas, então tem que fazer manobra com segurança e ele manda aquele aéreo ali, arrasador. O cara não tem medo de nada, né”.
08/03/15	Nas Ondas: confira a final da disputa no Havaí.	Charles Rodrigues: “Vê a nota que eles deram lá e nós vamos dar um troféu pra eles ali. O famoso troféu abacaxi”.

Tabela 3 Dimensão esportiva emoção - especialistas

Em um total de vinte e sete matérias classificadas, apenas duas não possuem nenhum trecho em destaque abrangendo esta dimensão esportiva. Isso mostra que a emoção teve grande representatividade na apresentação da modalidade nos anos de 2014 e 2015, totalizando 40,3% dos trechos classificados.

4.2 ESTÉTICA

Essa dimensão esteve representada em 2,8% dos trechos classificados, sendo que sua incidência no ano de 2014 foi cinco vezes maior que no ano seguinte. Para entender o critério de seleção aplicado aos trechos, é preciso caracterizar que a estética está associada ao conceito de saúde e bem-estar de maneira equivocada, principalmente quando pensamos em esporte de alto rendimento, pois nem sempre temos aspectos saudáveis em longo prazo aos atletas. De maneira geral, podemos observar a presença de estereótipos, padrões corporais de beleza que visam o corpo perfeito, bem como a promoção de um estilo de vida (MARCHI JR, 2015).

As analisar as transcrições, observamos que a estética esteve presente ao promover os surfistas e seu estilo de vida. Como observamos na tabela a seguir:

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
09/03/14	Nas Ondas: surfistas profissionais e amadores encaram a disputa na Costa Rica	“Trazendo o alto astral de surfistas atletas de outros esportes e artistas. Este ano a competição é na paradisíaca Costa Rica”.
		“Filipe Toledo, 18 anos. Destaque nas categorias de base, o surfista de Ubatuba estreou na elite mundial no ano passado e já tem no currículo uma vitória contra o mito Kelly Slater”.
		“Miguel Pupo, 22 anos. Dono de um estilo refinado o paulista já coleciona títulos de expressão no Circuito Mundial. Ele está indo para o quarto ano no seletor grupo dos trinta e quatro melhores surfistas do planeta”.
		“Alejo Muniz, 23 anos. Nasceu na Argentina, mas é cidadão brasileiro. Em 2013 venceu uma das competições mais tradicionais do calendário do surf, o aberto nos Estados Unidos. Também está indo para o quarto ano na elite mundial”.

Tabela 4 Dimensão esportiva estética – estilo de vida

A promoção de um estilo de vida é complementada pelas falas de atletas de outras modalidades, e a admiração de atores que tiveram a oportunidade de vivenciar o dia-a-dia de um atleta do Circuito Mundial de Surf:

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
09/03/14	Competição é decidida no 'tudo ou nada' e equipe amarela é a campeão de 2014	<p>Flavio Canto (judoca e medalha de bronze nas Olimpíadas de Atenas): "Eu quando era judoca, fazia musculação, fazia corrida, fazia natação. Você tem que treinar o dia inteiro, não tem jeito. Você tem que ter um preparo fenomenal. Imagina essa garotada aí, enfrentando Pipeline que aquela onda enorme no Havaí, eles precisam estar preparados".</p> <p>Sandro Dias (hexacampeão mundial no Skate): "Com certeza a parte física pra mim é bem complicada. Eu, se você falar pra mim andar quatro cinco horas de skate sem parar, eu ando sem problema nenhum, chega no outro dia eu ando de novo, mais quatro ou mais seis se for preciso. Porém aqui eu surfo meia hora, eu tô quebrado, meus braços estão quebrados, não consigo me mover".</p> <p>Omar Docena (ator): "Eles remam muito assim, eles se movimentam muito dentro da água então é difícil de acompanhar, mas acho que pra gente tá sendo uma inspiração legal, né".</p> <p>Paulinho Vilhena (ator): "Cara, eu acho que é puxado assim, você vê que os moleques são concentrados, focados e desde sempre foi assim. Acho que eles levam a carreira muito a sério, e isso eu acho que é uma grande virtude dos atletas dessa geração. Eles já são, não só preparados, mas eles são treinados pra se tornarem campeões".</p>

Tabela 5 Dimensão esportiva estética - admiradores

Os trechos que abordavam o tema treinamento dos atletas e também as exigências físicas da modalidade foram classificados como estética. Em destaque alguns trechos do preparador físico do surfista e atleta Gabriel Medina, em três diferentes momentos do quadro Nas Ondas, exibido em 09 de março de 2014:

"Aqui a idéia é a seguinte, como eles vão surfar e treinar todos os dias, a gente pretende envolve-los num treinamento bastante dinâmico, onde eles vão poder experimentar todas aquelas demandas que eles vão encontrar dentro da água".

"Battling Rope é um trabalho feito com cordas navais, é um trabalho que procura utilizar a energia do corpo todo. Então o corpo, somente com os movimentos dos braços ele não consegue produzir essa energia, então você tem que usar o corpo como um todo pra produzir a energia, pra batalhar com as cordas. Então a gente pode encarar o treinamento com cordas, por exemplo, pra otimizar a remada do atleta, e pra que ele também

possa ter o centro do corpo, que a gente chama de core, muito fortalecido. Porque uma vez que você produz essa energia, que vai até o outro ponto e volta pra você, você consegue assimilar, otimizar muito a produção de força, a produção de energia pra fazer movimentos mais eficientes”.

“O surf tem as suas características, então tem o tempo de remada, tem o tempo em cima da prancha, tem as manobras, enfim. Então a gente tentou entender quais eram essas principais demandas pra fazer com que isso pudesse ser aplicado no treinamento”.

A promoção destes aspectos na televisão aberta gera uma associação ao esteriótipo do surfista: jovem, corajoso, herói, em forma, bronzeado e com aparência saudável (TAMBELINI, 2009).

4.3 ÉTICA

Esta foi a dimensão com menos representatividade nos trechos classificados, totalizando apenas cinco entre os 922 selecionados, totalizando 1% da amostra. A ética está atrelada a critérios de valores e princípios que contribuem para um conjunto de regras e ações que nos levam a manter determinado padrão de comportamento (MARCHI JR, 2015).

No surf existe uma regra chamada prioridade, onde o surfista que a detém tem direito incondicional de escolher qualquer onda que ele queira surfar durante a bateria. Os demais surfistas podem remar e pegar a onda, desde que não prejudiquem o potencial de nota de quem possui a prioridade. O surfista perde a prioridade quando rema para entrar em uma onda, tendo surfado ela ou não, exerceu seu direito de escolha. No caso de dois ou mais surfarem ondas em sequência, a prioridade fica com aquele que retornar primeiro ao outside (WSL, 2018).

Durante a exibição do quadro Nas Ondas, em 09 de março de 2014, o ator Paulinho Vilhena cometeu uma interferência na onda do também ator Omar Docena, que tinha prioridade na bateria:

“Interferência anotada, o surfista de amarelo entrou na onda do surfista de vermelho que já tinha prioridade, vinha mais pra dentro da onda. Então a gente vai dar nota pro Omar e vai dar a nota zero pro Paulinho, no caso”.

O *fair play* de um atleta durante uma das etapas do WCT também foi visto e comentado pelo apresentador Flavio Canto no programa exibido no dia 18 de outubro de 2015, após a exibição da matéria “Gabriel Medina vence a etapa da França, dedica a conquista ao avô e se emociona”, onde o apresentador revela: “Legal o fairplay do Owen Wright, o adversário do Medina, que no meio da bateria aplaudiu o aéreo do Medina”.

4.4 ESPETÁCULO

No ano de 2014, dos 240 trechos classificados, 133 foram na dimensão espetáculo. Em 2015, 364 trechos dos 682 classificados também promovem essa dimensão esportiva. Somando os dois anos, tivemos um total de 54% dos trechos nessa perspectiva.

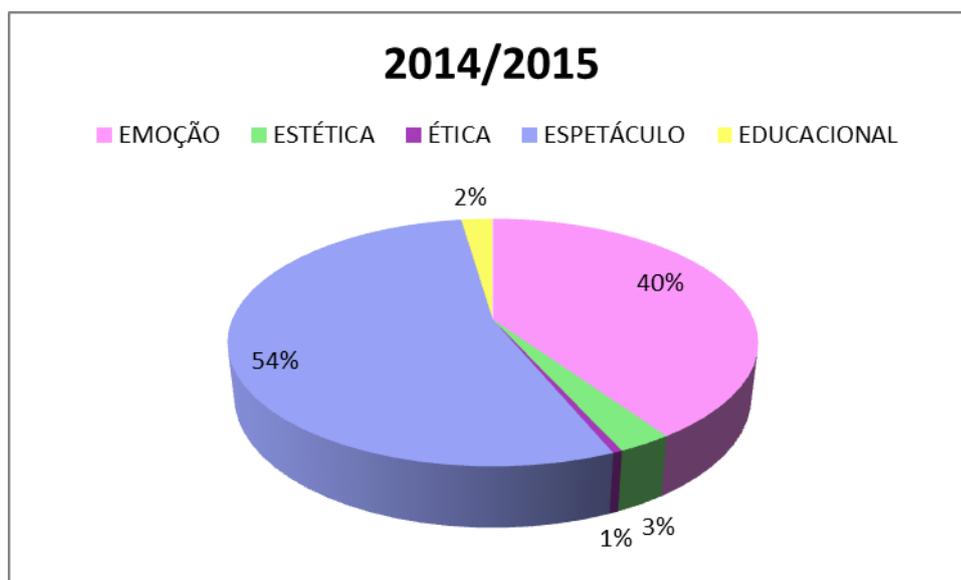


Gráfico 2 Percentual bianual de acordo com a classificação esportiva dos trechos transcritos.

Outro dado que chama atenção é a incidência dos trechos classificados como espetáculo. A espetacularização do esporte esteve bastante presente durante a competição do Nas Ondas, tradicional série de reportagens, onde atletas profissionais são convidados a viajar para uma pré-temporada e uma competição amistosa, como pode ser observado na matéria exibida em 09/03/14:

“Hoje a gente vai para mais uma temporada do Nas Ondas, um evento que a globo promove desde 2009, trazendo o alto astral de surfistas, atletas de outros esportes e artistas. Este ano a competição é na paradisíaca Costa Rica”.

Em 2014, dos 133 trechos totais classificados como Espetáculo, 102 fizeram parte da série de reportagens. Em 2015 os números também foram expressivos, 157 de 364. Isso significa que 70% dos trechos classificados como Espetáculo, foram exibidos no Nas Ondas.

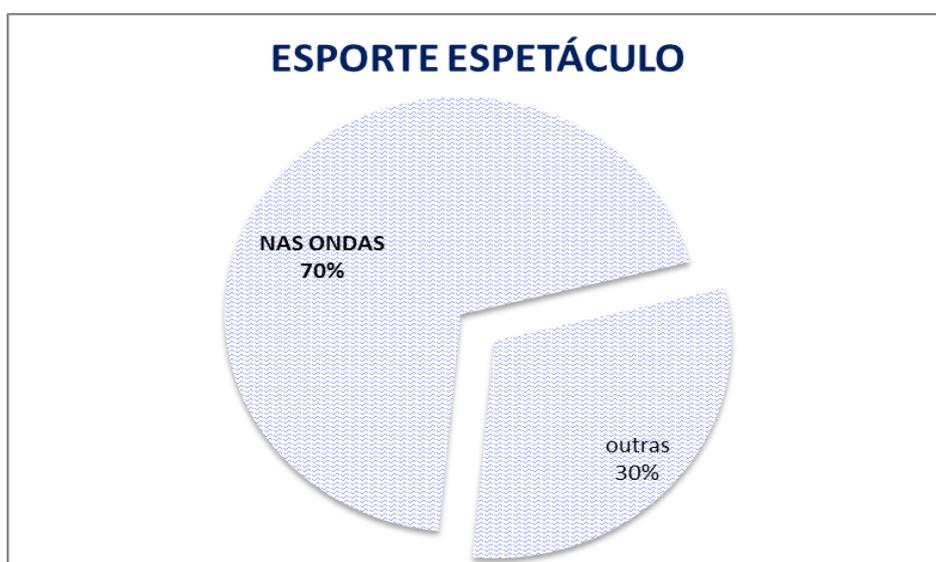


Gráfico 3 Percentual da dimensão espetáculo comparando a série 'Nas Ondas' com as demais reportagens.

Nesta dimensão é importante elucidar que o esporte espetáculo não necessariamente é o esporte de rendimento. A espetacularização esportiva tem alguns conceitos estruturais que compreendem: a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico; o apelo motivacional e emocional; a plasticidade midiática, também expressa pela estetização do movimento; a capacidade de comunicação e interferência global; a mobilização populacional, entre outros (MARCHI JR 2015). Estes conceitos foram também critérios de classificação dos trechos transcritos, conforme podemos observar nos itens a seguir.

4.4.1 Movimentação do contexto econômico e mercadológico

O contexto econômico e mercadológico pode ser observado na matéria exibida em 19/10/14 em que dois atletas, Pedro Scooby e Mineirinho, vão para os Emirados Árabes para uma sessão de fotos. O trecho em destaque descreve um paraíso de ondas artificiais em um dos países mais ricos do mundo:

“No sudoeste Asiático, os Emirados Árabes estão longe de ser o paraíso dos surfistas. São uns dos países mais ricos do mundo, donos de uma grande reserva de petróleo e de construções impressionantes. Até tem praias bonitas por ali, água cristalina e muito calor, mas a qualidade das ondas no Golfo Pérsico não é lá essas coisas. A onda do momento nos Emirados Árabes está longe do mar, fica no meio do deserto, próxima a capital Abu Dhabi, em um parque que virou a verdadeira Disneylândia dos surfistas. Ondas de um metro, perfeitas, é só esperar que ela vem, certinha, uma igual à outra.”

O tema também está na presente na matéria exibida em 02/03/14 onde a série de reportagens 'Nas Ondas' fala sobre a na estrutura que os atletas têm a disposição:

“Durante mais de um mês eles ficam hospedados em verdadeiros casarões de frente pra praia. Casas alugadas pelas grandes marcas do surf, que patrocinam os principais atletas do circuito, tudo para facilitar a logística durante a competição. Uma realidade bem diferente a da geração anterior. Hoje cada atleta tem seu próprio quarto, lugar pra guardar as pranchas, descansar, se alimentar bem e estar pronto pra entrar em ação a qualquer momento. Eles convivem com atletas de outras nacionalidades que tem o mesmo patrocinador”.

O trecho acima contextualiza o conceito de movimentação econômica e mercadológica em um comparativo com a geração anterior, onde o surf não tinha tanta visibilidade e por isso tinha menos oportunidades. Confirmando a recente espetacularização esportiva do surf.

4.4.2 Apelo Motivacional E Emocional

O apelo motivacional e emocional foi expresso principalmente pelos narradores ao descrever os atletas e seus feitos:

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
02/03/14	Nas Ondas vai à Costa Rica acompanhar promessas do Surf Brasileiro.	“As vitórias, os títulos e os fãs que esses jovens conquistaram em tão pouco tempo fizeram com que essa geração ganhasse um apelido no mundo do surf: Braziliam Storm. Apesar da pouca idade o quarteto já integra o seletivo grupo dos 34 melhores surfistas do mundo, o WCT. Um circuito que passa por algumas das mais belas praias do planeta, onde quebram as ondas mais perfeitas, com um único objetivo: coroar o melhor surfista do mundo na temporada”.
08/03/15	Nas Ondas' melhores surfistas brasileiros encaram disputa no Havaí.	“São os melhores surfistas do Brasil se preparando pra temporada. Uma temporada que promete. A gente pela primeira vez tá entrando aí com um campeão mundial e com uma geração muito forte do surf brasileiro”.
22/03/15	Prodígio do surfe, Filipe Toledo afirma que será campeão mundial: 'Só não sei quando'.	“Agora a gente vai saber quem é, e onde vive esse novo prodígio do surf brasileiro”.
15/02/15	Gabriel Medina fala sobre as mudanças na vida, após histórico título mundial de surfe.	“A pequena Maresias no litoral norte de São Paulo já viveu dias mais tranquilos. Agora é assim sempre que o campeão do mundo de surf está em casa. Assédio, homenagens, entrevistas, reconhecimento”.

Tabela 6 Dimensão esportiva espetáculo – apelo motivacional e emocional

4.4.3 Plasticidade Midiática E Estetização Do Movimento

Além de critério de classificação esportiva para a dimensão Espectáculo, a plasticidade é também um dos critérios de julgamento para as notas durante as competições de surf.

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
09/03/14	Nas Ondas: surfistas profissionais e amadores encaram a disputa na Costa Rica.	“Uau, que manobras. Olha ele deu uma rasgada, do meio da rasgada aquilo virou um layback, ou seja, ele jogou as costas na água e no meio que ele jogou as costas na água ele tirou o contato do pé de trás com a prancha, vamos dizer que ele ressurgiu da espuma da onda”.
09/03/14	Equipe amarela corre atrás do prejuízo e empata a disputa no 'Nas Ondas'	“Lá vem o Filipinho lá trás hein. Lá vem o Filipinho, pegou velocidade, um aéreo rodando perfeito”. “Quê que é isso, tá incrível. Um aéreo limpo, um aéreo alto, Paulinho Vilhena foi a loucura na areia”.
08/03/15	'Nas Ondas' melhores surfistas brasileiros encaram disputa no Havaí.	“Camiseta branca na onda, pegou a onda mais lá para o fundo, agora fez uma rasgada bonita, jogando a rabeta lá pra frente vai escalar a espuma agora, conseguiu passar aquela sessão, ele tem um momento na sequência, deu um aéreo bonito, agora sim mostrou o surf que ele sabe”.

Tabela 7 Dimensão esportiva espetáculo – plasticidade midiática e estetização do movimento

4.4.4 Capacidade De Comunicação E Interferência Global

A abrangência do esporte a nível mundial expressa esse critério de classificação, presente nos trechos em destaque:

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
31/08/14	Gabriel Medina está a quatro etapas de ser campeão mundial de surf.	Kelly Slater: “Parabéns ao Gabriel Medina pelo desempenho nessa semana. Ele é o assunto do momento e por uma boa razão. Ele é um dos mais perigosos surfistas do mundo. Por quê? Ele é mais determinado e tem mais fome de vitória do que qualquer surfista. Eu vou fazer de tudo pra tentar pará-lo nessa temporada. Mas sou um grande fã desse menino bonzinho”.
26/04/15	Pelo Mundial de Surfe, Adriano de Souza vence a terceira etapa em Margareth River.	“Ano passado o surfista paulista Gabriel Medina se sagrou campeão mundial de surf, né. E pelo jeito, a porteira abriu, viu gente. Das três primeiras etapas do mundial deste ano, duas foram vencidas por brasileiros. Na primeira, deu o também paulista, Filipe Toledo. Agora o brazuca que abocanhou uma etapa foi um mineiro uai, aliás, foi o Mineirinho, o Adriano de Souza”.
01/11/15	De volta a Nazaré, Maya Gabeira revela como superou medo após quase perder a vida nas ondas.	“Mas essa onda aqui, ela já foi indicada ao premio de maior onda do mundo surfada, maior onda do ano surfada né”.
27/12/15	De volta ao Brasil, Mineirinho relembra o início no surfe e comenta o momento na carreira.	“E o campeão mundial de 2015, Adriano de Souza”.

Tabela 8 Dimensão esportiva espetáculo – capacidade de comunicação e interferência global

4.4.5 Mobilização Populacional

A mobilização populacional foi observada em duas matérias exibidas pelo programa Esporte Espetacular, uma em 28/12/14 e outra em 22/03/15. Na primeira, a matéria é sobre um menino de sete anos que mostra suas habilidades no surfe e que tem no atleta “Medina” uma fonte de inspiração. De acordo com a matéria:

“E falando em sucesso, o sucesso do surf brasileiro tem contagiado muita gente. Gente grande, gente pequena. Em fortaleza, por exemplo, um menininho de sete anos já tira onda de surfista. Gustavo, esse aqui, ó. Esse molequinho, fã do Gabriel Medina, claro, tem intimidade com a prancha e já voa alto hein, não apenas com os aéreos que aprendeu a dar. É que ele garante que um dia via ser campeão mundial, igual ao ídolo dele”.

A segunda matéria, exibida em 2015, relata a opinião do surfista Filipe Toledo, considerado na época um “prodígio do esporte”, quanto ao crescimento do esporte após a conquista do primeiro título mundial de surf brasileiro:

“Foi impressionante, depois desse feito do Gabriel, eu acho que, galera que nem sabia que o surf existia, começou a gostar, começou a querer aprender, a acompanhar. E isso só é um ponto positivo pro nosso esporte.”

Esse hábito de consumo do surf relatado por Filipe Toledo contextualiza a espetacularização do esporte.

4.5 EDUCACIONAL

A dimensão esportiva educacional pode ser vista de duas maneiras quanto a sua intencionalidade. A primeira delas abrange um aspecto formativo e educativo e a outra, é o processo da construção do pensamento, reflexão e criticidade humana, abrangendo todas as outras dimensões: Emoção, Estética, Ética e Espetáculo (MARCHI JR, 2015).

Quanto ao parâmetro formativo, sua representatividade nas transcrições foi de 2,3%, um total de 22 trechos dentro os 922. Os trechos selecionados abordam algumas regras de competição, posicionamentos básicos no surf, como se formam as ondas gigantes de Nazaré:

Data da matéria exibida	Nome da matéria	Trecho selecionado
09/03/14	Nas Ondas: surfistas profissionais e amadores encaram a disputa na Costa Rica.	“O campeonato de surf tem nove baterias homem a homem, cada bateria dura vinte e cinco minutos, são consideradas as duas melhores ondas do competidor, quem somar mais pontos vence a bateria e conquista um ponto pra equipe. Profissional compete contra profissional, e amador contra amador. O time que fizer cinco pontos é o campeão do Nas Ondas da Costa Rica”.
08/03/15	Nas Ondas': confira a final da disputa no Havaí.	<p>“Vamos conhecer agora o básico do surf? Posicionamento na prancha. O surfista que coloca o pé esquerdo na frente é chamado de regular, é o caso do Filipe Toledo e do Alejo Muniz. Já o que posiciona o pé direito na frente, como o Gabriel, o Miguel, o Jadson e o Wiggolly é chamado de <i>gooffy</i>. Quando o surfista está de costas para a onda é o <i>backside</i>, de frente é o <i>frontside</i>. As manobras, vamos ver as mais conhecidas? Rasgada, quando o surfista faz um arco na parede. Batida, quando a prancha acerta a crista da onda. Cutback, manobra clássica, movimento em que o surfista faz uma meia volta pra base da onda. Floater, quando a prancha desliza sobre a crista, também chamada de lip da onda. Aéreo, é a manobra mais difícil do surf, é quando eles conseguem voar e voltar”.</p> <p>“O julgamento valoriza a parte crítica da onda, as manobras mais difíceis e completadas de uma forma com maior estilo, com maior autocontrole”.</p>
18/10/15	Exemplo de coragem e determinação, Maya Gabeira volta a desafiar o 'Canhão de Nazaré'.	“Mas como se formam esses incríveis paredões de água que podem chegar a trinta metros de altura? A explicação está lá no fundo do mar, o maior desfiladeiro submarino da Europa, está aqui. Com uma abertura de cinquenta quilômetros e uma extensão de duzentos e dez quilômetros, o corredor submerso assusta. Depois de chegar a cinco mil metros em seu ponto mais profundo, a falha geológica começa a ficar mais rasa, e quinhentos metros da costa e chega a apenas cinquenta metros. O encontro das águas em diferentes profundidades, cria as famosas ondas gigantes de Nazaré”.

Tabela 9 Dimensão esportiva educacional – parâmetro formativo

Quanto ao aspecto de criticidade humana, reflexão e construção do pensamento, classificamos dois trechos que abordam como o surf era visto de forma marginal pela sociedade. O primeiro deles em matéria exibida em 08/03/15: “Na

verdade no início ninguém queria, porque o surf era muito discriminado. Era um esporte muito conhecido por causa de drogas”. O segundo trecho exibido em 22/03/15 na matéria “Prodígio do surfe, Filipe Toledo afirma que será campeão mundial: 'Só não sei quando’” em que o atleta revela:

“Até um tempo atrás o surf era visto como um esporte de marginal, de vagabundo, que ninguém dava força. E hoje em dia a proporção que tomou já é muito maior, a galera falando, a repercussão que tem, né, é outra história. E os olhos que as pessoas tem pro esporte já é totalmente diferente, né. E isso foi bom pra gente, cara”.

Estatisticamente, a dimensão educacional foi pouco representada nos trechos selecionados, porém quando se trata de um processo de construção do pensamento, podemos observá-la durante todas as matérias exibidas. Por se tratar de um veículo de comunicação e informação, que promove novas maneiras de percepção, a televisão contribui com essa mudança de perspectiva em relação ao surf (SILVA; MARCHI JR, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a incidência de matérias sobre surf na televisão aberta, através do programa de divulgação nacional, Esporte Espetacular, nos anos de 2014 e 2015. Com o intuito de mensurar se houve influência positiva para a promoção do esporte, após a conquista do primeiro título mundial de surf por um brasileiro, e classificar essas matérias quanto às dimensões esportivas propostas por Wanderley Marchi Jr: emoção, estética, ética, espetáculo e educacional.

O número de matérias sobre surf aumentou consideravelmente de um ano para o outro, sendo 20 no ano 2014 e 34 em 2015, conseqüentemente, o tempo de exibição também, de 01 hora e 52 minutos para 03 horas e 45 minutos. O que corresponde a 78% do total de matérias relacionadas ao surf nos dois anos, sendo exibidas em 2015. Isso reforça a hipótese de que a conquista do título mundial para o Gabriel Medina, no final do ano de 2014, trouxe maior visibilidade para o esporte através da televisão.

A classificação das matérias quanto às dimensões esportivas mostrou que mais de 50% dos trechos analisados estavam voltados para a espetacularização do esporte, seguidos por aproximadamente 40% voltados para a emoção. As demais dimensões somaram 5%, sendo que a estética esteve representada em 3% dos trechos, a educacional 2%, enquanto a ética apenas 1%.

Uma das limitações da pesquisa se deve ao fato de que as próprias reportagens têm seu apelo emocional característico, bem como a televisão é um dos meios que propaga o esporte como espetáculo, o que pode ter contribuído para que a classificação do esporte tenha sofrido grande influência destas dimensões.

Para uma análise mais abrangente e conclusiva, seria necessário dispor de outros canais, bem como seus meios de comunicação. Ainda assim, creio que a relevância desta pesquisa está nas proporções que o surf tem ganhado como esporte, vide sua representatividade nas Olimpíadas. O aumento da divulgação justifica um crescente aumento do interesse da população, e vice-versa, o que promove mais oportunidades para os profissionais de Educação Física, sendo elas traduzidas por performances de atletas, ou representada por novos adeptos ou praticantes.

REFERÊNCIAS

ABRAMVEZT, D.; FONTES, C. **CT, Pipe, QS, Tríplice Coroa... Brazilian Storm É “Campeão De Tudo” Em 2015.** Oahu, Havaí e Rio de Janeiro. 18/12/2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/radica/surfe/mundial-de-surfe/noticia/2015/12/ct-pipe-qs-triplice-coroa-brazilian-storm-e-campeao-de-tudo-em-2015.html> Acesso em: 20/08/2017.

BALIOLI, L. H. **Organização De Eventos Esportivos: Surf.** 2005. Pontifícia Universidade Católica. Curso de Educação Física.

BARCO, C.; GUERRA, M. **Medina Puxa 'Brazilian Storm' E Vê Compatriotas Fortes Para Wct Do Rio.** São Paulo. 07/05/2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/radica/surfe/noticia/2013/05/medina-puxa-brazilian-storm-e-ve-compatriotas-fortes-para-wct-do-rio.html> Acesso em: 20/08/2017.

BRASIL, V. Z. et al. A produção científica sobre surf: Uma análise a partir das publicações entre 200-2011. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 869-885, jul/set. 2013.

CANAL OFF. Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/tv/globosat-estreia-canal-com-programas-de-aventura-esta-semana> Acessado em 10/02/2018.

CARROL, N. **TC Tom Carrol.** Editora Rocky Mountain Ltda, 2014.

CAVALCANTI, E. A. et al. O perfil do caderno de esportes do jornal Folha de São Paulo. **ALESDE**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 24-36, abril 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Editora Artmed, 2007.

DIAS, C. A. G. O Surfe E A Moderna Tradição Brasileira. **Movimento.** Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 257-286, outubro/dezembro de 2009.

ESPN 1) **Quem Somos.** Disponível em: <http://espn.uol.com.br/quemsomos> Acesso em 22/08/2017.

ESPN. **ESPN Fecha Direto Com WCT De Surfe E Transmite Todas As Etapas Até 2016.** Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2015/03/13/espn-fecha-direito-do-wct-de-surfe-e-transmitira-todas-as-etapas-ate-2016> Acesso em 22/08/2017.

ESPORTE ESPETACULAR **1) Formato; 2) Evolução.** Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular> Acesso em 22/08/2017.

FERREIRA, M. 2013. **Modelo Sistêmico do Setor Surf Estudo do Subsetor do Surf Formação e Ensino em Portugal.** 2013. Universidade de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.

FINNEY, B. R.; HOUSTON, J.D. **Surfing: A History of the Ancient Hawaiian Sport.** Editora Pomegranate, 1996.

FORTES, J. M. G. **Perfil Morfo-Funcional dos Praticantes Portugueses de Surf.** 2012. Universidade de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.

FORTES, R. Notas Sobre Surf, Mídia e História. **Recorde: Revista de História do Esporte.** Niterói, v.1, n. 2, dezembro 2008.

GLOBO ESPORTE. **Maya Gabeira sofre acidente em onda gigante em Portugal, mas passa bem.** Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/radicaais/surfe/noticia/2013/10/maya-gabeira-sofre-acidente-ao-tentar-surfar-onda-gigante-em-portugal.html>. Acesso em: 29/05/2018.

LABOMIDIA. **Jogos Olímpicos E Televisões Abertas: Quem Será “Mais Brasil” em Londres/2012?** Florianópolis. Pibic. 2013.

MARCHI JR, W. O Esporte “Em Cena”: Perspectivas Históricas E Interpretações Conceituais Para A Construção De Um Modelo Analítico. **The Journal Of The Latin American Socio-Cultural Studies Of Sport.** Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MELO, V. A.; FORTES, R. O Surfe No Cinema E A Sociedade Brasileira Na Transição Dos Anos 70/80. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte.** São Paulo, v.23, n.3, p.283-296, jul/set 2009.

MURARA, S. G., FERRO, M. T. **O uso da tecnologia de informação nas competições de surf.** Disponível em: www.ibrasurf.com.br Acesso em: 10 de março de 2017.

PENTEADO, R. Z. Telejornalismo esportivo: Cenas de apresentação e mudanças no programa Globo Esporte. **Impulso**, Piracicaba, n. 24, p. 47-62, set - dez, 2014.

REZENDE, M. **A História Do Surfe E O Perfil Dos Surfistas Do Litoral Norte Paulista.** 2004. Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, C. L.; MARCHI JR, W. Comunicação Televisiva: Reflexões E Considerações Sobre O Telejornalismo **Esportivo. Razón Y Palabra – Deporte, Cultura Y Comunicacion**, v.14, n. 69, 2009.

SPORTV. **Sportv Transmite Todas Etapas Do Mundial De Surfe Ao Vivo.** Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/noticia/2017/03/sportvcom-transmite-todas-etapas-do-mundial-de-surfe-ao-vivo.html> Acesso em: 22/08/2017.

TAMBELINI, F. A Nova Onda Do Surf. **Pequenas Empresas Grandes Negócios.** Edição 246, jul/2009.

Vitórias Brasileiras No Circuito Mundial – WCT. Disponível em: <http://www.datasurfe.com.br/2007/08/principais-conquistas-brasileiras-no.html> Acesso em 20/08/2017.

WARSHAW, M. **A Brief History of Surfing.** Editora Chronicle Books, 2017.

WOOHOO **1) Quem Somos.** Disponível em: <http://www.woohoo.com.br/pagina/quem-somos> Acesso em: 05/06/2018.

WSL **1) History; 2) About; 3) Rule and Regulation; 4) Men's Championship Tour Ranking.** Disponível em <http://www.worldsurfleague.com> Acesso em: 10/08/2017. Acessado em 28/05/2018.

WSL **Os melhores surfistas do mundo.** Disponível em: <http://www.worldsurfleague.com> Acesso em: 24/08/2017.

ZUCCO, F.D., MESQUITA, A., PILLA, A. Surf – Um mercado em Evolução. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Salvador/BA- 1 a 5 de setembro de 2002.